

Rabos de lagartixas

De algumas coisas que tenho depreendido de minha prática psicanalítica e de outra passagem de sua pré-história

Avelino Ferreira Machado Neto,¹ Brasília

Resumo: O autor discorre sobre observações em sua prática clínica psicanalítica e conjecturas a propósito de conceitos como inveja, voracidade e gratidão, introduzindo a idealização como antecessora da inveja, bem como a hipótese do surgimento do psíquico com base em uma preconcepção, um chamado a ele. Outros conceitos são revisitados, como intuição, realidade psíquica, desconhecido psíquico, experiências emocionais inconscientes, elaboração consciente e inconsciente, e satisfação. Descrições de experiências pessoais no setting psicanalítico, e fora dele, ilustram a importância de o analista se observar nas vivências decorrentes de sua interação com o outro.

Palavras-chave: intuição, idealização, inveja, avidez, gratidão

Não raramente ouço de pacientes, quando o que conversamos ganha um significado para ambos, um quase espanto:

“Mas, Avelino, isso é uma coisa muito doida, né?!”.

Respondo, com certo humor:

“Bem... é a nossa especialidade...”.

Dos rabos de lagartixas

Ao longo da vida temos experiências que nos marcam para sempre, especialmente quando envolvem a geração que nos antecede, a nossa própria e a vindoura. Refiro-me a uma passagem de minha vida que partilhei com meu pai e meu filho quando este era um menino de 6 anos.

1 Membro titular da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSB). Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Analista didata do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo, da SPBSB.

Fomos visitar uma fazenda do vovô, cuja principal atividade era a cafeeicultura. Havia um local no qual secava o café colhido pelas mãos dos camponeses (meu pai tinha sido um deles, e continuava sendo, na alma). Havia também as tulhas (*tuias*, no léxico caipirês), espécie de silos feitos de madeira, onde se estocava o café.

Nas tulhas, as crianças brincavam de pular e esconder sob o monte de café, como acontece hoje naqueles espaços cheios de bolas de plástico coloridas, nos shoppings e parquinhos. Meu filho foi brincar com as outras crianças, enquanto nós, seu avô e seu pai, conversávamos sobre lavouras, açudes, formigas saúvas e outros entes naturais. Subitamente, ouvimos Daniel gritar: “Vovô, vovô, tá cheio de jacarezinho nas paredes”. Silencioso, como de costume, meu pai foi até ele, eu atrás, olhou as paredes com seus olhos azuis e disse: “Não, fio, num é jacarezinho, é largatixa”. Num lampejo, o avô pegou uma das lagartixas, as quais por instinto soltam a cauda quando em perigo, largou-a e pegou a cauda, ainda tremulante – as caudas ficam assim um tempão! Pegou outra e outra, encheu o bolso de caudas, foi até o celeiro, encontrou uma garrafinha e as colocou lá, todas tremulando. O encantamento voava dos olhos do pequeno neto, que se animou e foi pegar lagartixas pelo rabo, e que ria muito vendo-as fugirem, a triunfar com os troféus e depositando-os na garrafinha. “Os rabinhos nascem de novo, vovô?” O *sim* veio num balanço da cabeça branquinha. Branco é a soma de todas as cores. Experiências são emoções coloridas!

Apresento aos caros colegas alguns exemplares de minha coleção de rabos de lagartixas, experiências que se foram pelas paredes do tempo e ficaram na memória que conheço – e na que desconheço também, acredito. Registros atemporais.

○ setting psicanalítico

Certo paciente repetia com frequência um fato da infância: exercitava no piano, com partitura à frente, e se incomodava muito com “aqueles moleques” jogando bola e fazendo barulho “lá na rua”. Em alguma daquelas repetições, eu vi um menino tocando piano, olhando *através* da partitura, vendo os da rua se divertirem. Descrevi para ele o que vi: “Você quer brincar também?”. Respondeu, visivelmente irritado: “Doutor Avelino, eu não sei como o senhor consegue falar tanta bobagem!”. Passada minha raiva ao ouvir aquilo, destacou-se em mim seu tom de voz, que ouvi como um grito: “Eu não sei como o senhor *consegue* dizer tanta bobagem”. Respondi: “Eu e os moleques conseguimos brincar; você ainda não, mas já olha e escuta”.

A observação da reação ao dito é essencial para o que se formula. Observar não é vigiar. Vigiar impede dormir; quem não dorme, não sonha;

quem não sonha, julga segundo pré-conceitos, ou pensamentos prontos, acabados. Quem julga, absolve ou condena, e assim algo é sempre certo ou errado, segundo o vértice primitivo, função de psicose.

Formular é dar forma ao conteúdo vivenciado, levando-se em conta que tal conteúdo é próprio de quem o tem, no contato com o outro. O psicanalista sabe que o que lhe acontece, mobilizado pelas manifestações do paciente, é seu, ou algo em si próprio. Formula como pode esse conteúdo, sem se ocupar com suas vicissitudes no paciente, mesmo porque, por ser psicanalista, sabe que não tem poder sobre decorrências sensório-emocionais daquilo que se fala e se ouve, embora possa – quando pode – decidir sobre atos baseados nessas decorrências.

Uma das coisas que o psicanalista sabe é que não é que ele agüente ou deixe de agüentar o *paciente*. O analista *se* agüenta mais, ou *se* agüenta menos, em decorrência do que lhe é mobilizado na relação com o paciente, e pode assumir essa parte sua.

Aqui e ali, o que se ouve serve, como servem os “restos diurnos” sugeridos por Freud, para a formação de sonhos, falas da alma. Assim, tudo que se ouve pode servir, seja para sonhos (associações livres), seja para evacuações – essas últimas, suposições de onisciência e onipotência de estar pondo para fora o que está demais dentro.

Faço, aqui, digressão necessária. Penso que a verdadeira escolha do vértice a ser formulado, por exemplo, em uma sessão de psicanálise, independe do pensador. Ela é, também, um pensamento sem pensador. Nós mesmos, quando estamos suficientemente tranquilos quanto à sobrevivência, praticamos a mentira, não no sentido moral da palavra, mas no sentido de um arranjo psíquico não deliberado, improvisação em meio a vivências emocionais que excedem a capacidade de suporte naquele momento.

Mente o pensador sem saber que mente! Uma interpretação é uma mentira. O observador precisa estar apto a admitir emocionalmente (embora esteja cansado de saber disso) que o que observa tem muito do que projeta, e não sabe. Por isso, não interpreta: conta o que está vendo.

A propósito disso, em *O fascismo eterno* (2018), Umberto Eco afirma que pensar é uma forma de castração. Por isso, ainda segundo ele, a cultura é suspeita à medida que é identificada com atitudes críticas. Uma questão se impõe: haverá uma cultura psicanalítica? Se houver, quais hábitos, crenças e conhecimentos a sustentam? Serão psiquicamente verdadeiros, lembrando que verdadeiro diz respeito ao que se vivencia num momento emocional único, como sói acontecer no psicanalisar, função da psicanálise? Verdadeiro se refere àquele outro nível do inconsciente, diferente do que guarda o que é aprendido pelo homem civilizado, e imposto, segundo Freud, na base da repressão dos instintos. Esse outro nível seria a realidade psíquica, avessa a qualquer imposição externa, mas com força

de realidade material sobre comportamentos observáveis. Em *Atenção e interpretação* (1970/2007), Bion trata dessas duas realidades, psíquica e sensorial, e ressalta a importância de o analista poder realizar emocionalmente a diferença entre essas duas realidades distintas e entrelaçadas. Suas formulações dependem essencialmente disso. A escolha entre a psicoterapia que visa modificar comportamentos e sintomas e o psicanalisar, quando possível, depende desse discernimento, realização emocional.

Espera-se que, havendo uma cultura psicanalítica, esta não seja equivocada quanto à realidade psíquica e seus desconhecidos conteúdos.

Setting psicanalítico é algo além do conforto sensorial que nos oferecemos e oferecemos aos pacientes, que tem como função possibilitar o sossego necessário ao sonhar, e às decorrentes associações e imagens. Setting psicanalítico é a disposição ao desconhecido psíquico, é o saber não saber. Saber que o possível é apenas formular, contar as cenas oníricas, derivadas de mobilizações das experiências sensorio-emocionais do encontro, como as tidas por mim na psicanálise do paciente pianista, cujas repetições deram oportunidade para, num dado instante, eu observar algo que não tinha observado antes: um menino de olhos compridos nas brincadeiras de outros meninos. Essa elaboração *não ocorreu dentro dele*. Aconteceu em mim e eu contei para ele. E não foi, creio, elaboração *apenas* consciente. A real elaboração vai se dando atemporal e inconscientemente e, às vezes, desponta. É claro que as associações livres, no encontro com o psicanalista, dão ao inconsciente elementos sensoriais, e o inconsciente os aproveita, com precisão, para se expressar em sonhos. Uma intuição é um sonho, e sonhos são muito precisos, algo que se tem a respeito do que está se passando consigo mesmo, na relação com o outro.

Realização futura

A questão do primitivismo mental impõe sua relevância no psicanalisar. Como a matriz da mente é o que vem das vísceras e suas memórias, em algum nível inconsciente, da observação do repetido pode despontar algo novo, igualmente visceral. O observador pode contar então com algo que se passa dentro dele, a partir das repetições que escuta. Vale dizer que o montante das mobilizações obtidas a partir da observação das repetições pressiona a mente do analista a representar, oniricamente, seus próprios excessos emocionais.

Um paciente repetia, com frequência considerável e evidente estado de ódio, que sua mãe era uma merda. Em uma dessas repetições, ele disse estar sentindo cheiro de sangue! Diante da cena, disse-lhe: “Você está se afogando em mecônio”.

Se a curiosidade do leitor é saber o que sucedeu após a formulação do que vivenciei, devo dizer que não sei, nem em mim, nem nele. Porém, tendo a apostar que nossos inconscientes puderam, podem ou poderão vir a usar o que se disse e se ouviu para formar parte de uma futura realização. Realização é, como se diz coloquialmente, “cair a ficha”. E fichas só podem cair se existirem. A ficha que caiu, quando disse o que disse ao paciente, era minha, de minhas vísceras que ganharam representação a partir do que ouvi. Foi uma intuição minha a respeito de algo meu, contudo na relação com o paciente. Se isso lhe serviu, ou virá a servir para a realização emocional de algo seu, terá sido coincidência. Mas não mera coincidência, se é que isso possa existir. Afetos, por óbvio, afetam. E podem afetar coincidências. Afetos são aquilo que geralmente chamamos de *demais* ou *exagero* ou *o tanto que...*, ou seja, expressão qualitativa de uma quantidade excessiva de algo intenso, traumático por assim dizer, e que ainda não se representou oniricamente.

Duas categorias de observação

O autista pleno, como designo aquele ser completamente arredio ao meio e seus circunstâncias, e que não é fronteiro com outras patologias, como esquizofrenia e oligofrenia, parece *ainda* não ter autoimagem de gente. Desse modo, não pode estender para outros a imagem que não tem de si próprio. O mundo e seus habitantes são *coisas*. É possível, na conjectura, atribuir àqueles que denominamos psicopatas a mesma falha de autoimagem. A possível diferença é que, nos autistas, pode haver algo como preconceção, expectativa psíquica, necessidade, daquela autoimagem. Em psicopatas, isso não acontece!

Rosa era autista. Conheci Rosa, uma criança de 4 anos, em uma instituição de tratamento de crianças e adolescentes com distúrbios de comportamento. Era a temporã de uma família de muitos filhos. Foi trazida pelo irmão mais velho, mesmo porque os pais, estrangeiros, não falavam português.

Na instituição o regime era de internação, e coube a mim, iniciante (o que sempre achei uma espécie de simpático trote dos veteranos), cuidar de Rosa, alimentá-la, trocar suas fraldas, dar banho nela, com ajuda eventual de uma assistente. Morávamos praticamente juntos, eu e Rosa, no último dos chalezinhos da instituição, ao lado de um bosque deserto.

Embora aparentemente sem sucesso algum, ainda segundo a égide do curar, eu tentava brincar com Rosa. Por vezes, ela parecia notar minha presença, enquanto balançava o corpo para a frente e para trás, ou mexia em alguns brinquedos. Nesses momentos eu tentava me aproximar, animado com a possibilidade de existir para a pequenina. E talvez eu existisse de algum modo, pois ela, de imediato, se afastava. Eu brincava com os objetos

disponíveis, em especial fazendo bonecos de massa e contando histórias que inventava no momento. Não aparentava me ver, nem me ouvir, nem atentar para o que eu fazia.

Pelas manhãs, eu saía a andar por onde Rosa passava, falando do que ia vendo e imaginando. Era algo próximo a um “doido falando sozinho”.

Após meses nessa rotina, certa noite eu admirava um raro luar pela janela do chalé, quando senti *algo* puxando minha calça na altura da panturrilha. Gelei. Perto do mato, supus algum bicho selvagem me agarrando. Permaneci imóvel, ou paralisado, para melhor me referir ao pânico. Novamente um puxão. Lentamente fui dirigindo pescoço e olhos para baixo e vi Rosa, dessa vez me olhando mesmo! E ouvi: “Neto [ela sabia meu nome de guerra!], você me dá uma balinha?”. Por pouco escapei de uma lipotímia e, atônico, um tanto patético, disse: “Oi, Rosa! Onde você estava?!”. Continuou me olhando e respondeu: “Num shei...”.

No dia seguinte a notícia correu, e as interpretações dos colegas e assistentes pulularam. Eu não sabia o que dizer além de contar o episódio. Poucos dias depois, Rosa teve alta e se foi.

Como sabemos, aparências podem enganar, e nunca se sabe o que pode estar acontecendo fora do campo consciente, seja no observador, seja no observado. A propósito de “observar”, me ocorreu a lembrança de uma supervisão com o saudoso professor Meltzer, quando ele me disse: “Observar é coisa de astrônomo” – certamente de tanto me ouvir enunciar o termo.

Hoje penso que, de fato, há duas categorias de observação: uma, eivada de avidez e possessividade sensorial, que eu chamaria de vigilância; e outra, onírica, quando se pode estar em um estado análogo ao dormir, um certo sossego. Creio que nossas análises pessoais contribuem para a ocorrência da segunda categoria, o que não significa a extinção da primeira. Édipo cegou-se aos excessos sensoriais e morais, e desenvolveu sabedoria, como seu mestre Tirésias.

Como eu me enganava supondo que Rosa estava alheia a tudo. Não, não estava! Havia registros sensoriais de seu redor, que me incluíam. Contudo, suponho, registros sensoriais podem não passar disso se não houver uma preconcepção, um chamamento, ao psíquico. Estendo essa hipótese a não autistas, personalidades normais, sob o vértice cultural, social. Em Rosa, assim me parece, algo foi além do registro sensorial, do útil ou inútil das coisas, e se realizou emocionalmente. Faz parte da conjectura supor que pode ou não haver, em qualquer um, a predisposição para o surgimento de realidade psíquica, sempre desconhecida, mas com emanções representáveis oniricamente, em cenas imprevisíveis. Como os mortos que só morrem fora, mas prosseguem representados por dentro da gente pelas emoções, pacientes quando se vão, do mesmo modo, permanecem presentes. Objetos internos são emoções! Rosa, um deles.

O significado de gratidão

Todos temos nossas preferências, que Freud denominou *predileções da terra infância*, as quais, suponho, ao serem tornadas inconscientes, passam a ser elementos de experiências emocionais, com efeitos no sentir, determinantes de ações, que chamamos de transferência e contratransferência. Mariana era, por assim dizer, meu xodó.

Foi nos idos de 1970, enquanto fazia minha formação. Na véspera de seu aniversário, decidi que iria lhe presentear com um brinquedinho novo. Fui às Lojas Americanas. Com a conta bancária precária, como é comum entre aqueles que fazem formação em psicanálise, passei os olhos nas estantes guiado pelo bolso. De repente, me deparei com uma caixinha de varetas. Mas as varetinhas não eram de madeira, e sim de madreperla. Feitas no Japão, obviamente, custavam o equivalente a três almoços! Optei por um sanduíche e comprei o brinquedo.

No dia seguinte, antes de abrir a porta para recebê-la, coloquei a caixinha no meio da sala, na esperança de que seria a segunda coisa que ela veria, supondo que a primeira seria eu. Ledo engano! Abri a porta e ela disparou em direção à caixinha. Permaneci fincado no meio da sala, “casualmente” ao lado do presente. Mariana tagarelava bastante enquanto brincava. Eu, parado.

Em certo momento, ela me viu e disse: “Uai, sô! Cê num vai brincar?!”.

Eu, disfarçadamente, olhei para a caixinha de varetas e perguntei, como quem não quer nada: “Hã, de quê?!”. Ela me olhou de cima a baixo e, embaixo, viu a caixinha. “O que é isso?” Ainda disfarçando (pois ainda obedecia ao que me ensinavam, ou seja, ser neutro, abstinente, continente etc.), respondi: “Ah!, é um jogo de varetinhas...”. Ela se aproximou, jogou as varetas no chão, disse “Que bonito, né?”, e me mandou sentar.

Sentei e – neutro, abstinente e tal e coisa – disse para ela começar o jogo. Ela pegou a primeira vareta, sem se importar com as outras se movendo, e a quebrou em duas! Eu também me senti quebrado, mas aguentei firme. Peguei a segunda vareta e joguei como se deve jogar, segundo as regras desse milenar brinquedo. Ela pegou a segunda vareta e repetiu o gesto, quebrou-a em duas. Fiquei arrasado! Mas analista tem de ser continente. Joguei mais uma vez, direitinho. E, ato final, ela pegou a terceira vareta, me lembro da cor âmbar, e quebrou em quatro pedacinhos, com muita perícia! Delicadamente, mordendo os lábios, eu disse: “Mas, Marianinha, não é assim que se joga varetinhas”. (Talvez meu prezado Cassorla chamasse esse ato de *enactment agudo*.) Ela, de pronto, olhos brilhantes, me encarando: “Eu sei, seu bobo, mas é assim que se faz casinha!”

Pela primeira vez eu soube o que, psiquicamente, significa a palavra *gratidão* – fazer bom uso daquilo que se recebe. E esse bom uso é sonho para

quem recebe, e não de quem doa. Presenteei Mariana com um joguinho de varetas, e a partir daí ela me presenteou com um sonho. Sonhei o que seja gratidão, em termos psíquicos, a partir do inesperado presente de Mariana.

(Faz parte da cara lembrança o fato de estar fazendo minha formação e, coincidentemente ou não, lendo “Inveja e gratidão”, de Melanie Klein.)

Levei o ocorrido ao seminário seguinte. Ouvi comentários que falavam de ataque ao vínculo, inveja, transferência negativa, ingratidão, inadequação técnica do analista, que não foi neutro, não foi continente de sua impulsividade e presenteou o paciente. Na ocasião, me calei, mesmo porque precisava “passar de ano”.

Dias depois do ocorrido, a mãe de Mariana me ligou dizendo que a diretora da escola queria conversar comigo. Marcamos um encontro e, para minha surpresa, estavam presentes a diretora, a professora e a psicóloga da instituição. Tivemos de levar para dentro da sala de atendimento o sofá da sala de espera. A queixa era de desobediência. Mariana não brincava como se esperava de uma criança normal. Não seguia a turma nas brincadeiras, cujas premissas, percebi, eram ditadas por professores que seguiam a linha de ensino que dava o bom nome à escola. Eu quis saber mais sobre a tal queixa de desobediência, e me surpreendi ao perceber que era algo muito semelhante ao episódio do jogo de varetinhas, quando ela construiu uma casinha: utilizava as oportunidades para delas fazer o melhor uso para si mesma, o que, por óbvio, levava ao estranhamento do grupo. Integra a experiência de todos nós essa estranheza quando o paciente faz de nossas interpretações o melhor para si mesmo, sem corresponder às nossas expectativas.

Tive de me conter, na reunião com os mestres, para não falar do episódio, algo privado entre mim e Mariana. Sugeri então àquela junta pedagógica que observasse o destino que Mariana dava ao que lhe propunham fazer. (A contenção teve de ser mais severa para comigo mesmo, para não dizer o que lhe era *imposto*, em vez de *proposto*.) A diretora interveio e disse que isso não seria possível, pois teria de haver uma atenção muito especial, particular, para Mariana. Professora e psicóloga concordaram e disseram que ali estavam para me ajudar a entender Mariana, uma maneira polida de me dizer para eu “dar um jeito” nela. Ainda tentei argumentar sobre o que seria uma psicanálise, mas sem sucesso. Por sorte minha, e suponho de Mariana, a mãe não interrompeu nosso processo. Foram mais seis anos até se mudarem de país e Mariana se tornar uma mocinha.

Ainda sobre gratidão, me ocorre o tema inveja, voracidade e gratidão, tão atual em psicanálise. Eu gostaria de apresentar idealização antes de inveja, assim ficando a formulação final: idealização, inveja, voracidade ou gratidão.

A idealização é parte do processo da posição esquizoparanoide. O resultado dessa cisão, na qual todos os aspectos ruins e inadequados do eu e

do objeto são negados e mantidos longe da parte “boa”, é um eu e um objeto ideais, adequados e imaculados.

Não há inveja sem idealização, e antes de idealizar é preciso desejar o bom em detrimento do ruim. A idealização é a matriz da inveja. A questão é se a inveja será acompanhada de voracidade ou gratidão. Mais do que voracidade, gratidão é palavra tão eivada de julgamento moral, que merece atenção especial para se saber que em psicanálise, pelo menos como me ensinou Mariana, é o melhor uso que se pode fazer para si mesmo do que está disposto no mundo.

A inveja de Mariana tinha como corolário a gratidão. Contudo, e isso acontece em maior número, a inveja tem como sobrepeso a voracidade – que prefiro, por ser psíquica, chamar de *avidez*. Avidez é a certeza absoluta (portanto, suposição de onisciência, função de primitivismo mental ou psicose) de que só o outro tem o imprescindível, desde o leite até a felicidade, de modo que o jeito é invejá-lo e querer devorá-lo para sobreviver. Quando assim ocorre, o invejoso fica sem o registro necessário para crescer psiquicamente, para elaborar angústias e modificar a qualidade de emoções repetitivas. Em outras palavras, não pode realizar emocionalmente que aquilo que vem do mundo, vem porque ele tem existência própria e influencia o mundo naquilo que dele recebe.

Freud (1914/1990) fala em *nova ação psíquica* no trabalho em que trata do narcisismo. Para mim, essa nova ação psíquica é satisfação (diferente, em natureza, de prazer ou desprazer), aquele registro emocional de ser partícipe ativo no mundo e do que dele recebe. Autoimagem tem a ver com tal registro: autoimagem de ser capaz, ou incapaz, quanto à gestão de si mesmo.

A hipótese que fundamenta toda a prática e teoria psicanalítica, como entendo, é a de uma realidade psíquica diversa da realidade material, perceptível pelos sentidos, porém com a força desta sobre atitudes do indivíduo, para consigo mesmo e para com o mundo. Dessa hipótese, ocorreu-me uma conjectura, apenas conjectura e não definição, como descrita em trabalho anterior, que reproduzo na íntegra:

A realidade psíquica é constituída de pensamentos-sonhos. Os pensamentos do analista, surgidos da relação com o analisando e a ele dirigidos, ocupam o mesmo lugar da mãe e do seio. Proponho haver uma preconcepção de pensamentos dessa natureza, como há as preconcepções de seio e mãe. Vale dizer que o analisando tem um anseio em relação aos pensamentos-sonhos do analista, como o bebê tem anseio de encontrar mãe e seio. De maneira recíproca, o analista carrega o mesmo anseio humano natural. Neste ponto comum, a desigualdade entre eles é inexistente. (Machado Neto, 2007-2008, p. 76)

O que posso acrescentar, atualmente, a essa conjectura é a questão quanto a *se todos os humanos são providos da preconcepção de pensamentos-sonhos*, condição para a disposição ao desconhecido psíquico, setting psicanalítico. Tenho cá minhas dúvidas e as partilho.

Agradeço a quem me acompanhou até aqui na leitura. Esclareço que usei o termo *paciente* em vez de *analizando* ou *analisante* não por alguma crença de que ele seja alguém submisso, mas paciente consigo mesmo e comigo, ao retornar, repetir e elaborar. Persistência!

Em síntese, privilegiei em minhas ideias a noção de que o mais importante é observar, sentir e pensar sobre nós mesmos, nossas vivências, na clínica da vida, que inclui a psicanálise. Os outros, pacientes e não, são transeuntes colaboradores.

Pós-escrito

Dois trabalhos, após o término do texto apresentado, me chamaram a atenção e me ajudaram a refletir um pouco mais sobre dois pontos: o objeto psicanalítico na obra de Bion e o conceito de *awe* na obra do mesmo autor. O primeiro, da colega Anne Lise Di Moisé S. Scappaticci, com a colaboração de Marina F. R. Ribeiro, “Notas sobre o objeto psicanalítico na obra de Wilfred Bion” (2021); o segundo, do colega Cassio Rotenberg, *Bion e o sentimento de encantamento (wonderment) como depuração do impulso religioso primordial* (2013), apresentado em reunião científica na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Sobre o primeiro, aula magistral, além do elucidativo histórico sobre o objeto psicanalítico na obra de Bion, e conjecturas próprias a respeito, sugeriu-me que cada um de nós tem sua própria história, com notas ou não, do desenvolvimento de uma noção pessoal de objeto psicanalítico, algo inseparável da própria evolução, particular, de experiências emocionais baseadas na observação e no que vamos sentindo e pensando em relação ao que nos mobiliza no cotidiano clínico do ofício de psicanalisar.

Quanto ao segundo, me alertou para uma expansão possível do tema idealização, inveja, voracidade ou gratidão, como desenvolvi antes, neste trabalho, a partir de minhas vivências com a pequena Mariana. Rotenberg discorre sobre várias possibilidades de traduzir, para nossa língua, o termo *awe*, que Bion usa com frequência em algumas obras mencionadas no texto. *Awe* como “encantamento” me levou a pensar em “apaixonamento”, e naquela “paixão” que, em *Atenção e interpretação*, Bion propõe ser algo sem o menor traço de persecutoriedade. É bem possível que gratidão, como pensei no caso de Mariana, com inevitável tentação a generalizar, tenha a ver com um

awe (encantamento) pela própria mente e sua criatividade com o que vem do mundo. Dito de outro modo, um apaixonamento pela própria capacidade criativa, diferente de uma idealização do outro e decorrente inveja. Essa é ainda uma ideia em expansão e observação. Em conversa pessoal com Rotenberg, sugeri a palavra *impacto* como um dos possíveis significados de *awe*, o que o colega entendeu pertinente, porque “não fecha” as possibilidades circunstanciais de tradução e entendimento daquele termo inglês.

Colas de lagartijas: de algunas de las cosas que he aprendido de mi práctica psicoanalítica y de otro pasaje de su prehistoria

Resumen: El autor discute las observaciones sobre su práctica clínica psicoanalítica y conjetura sobre conceptos como la envidia, la voracidad y la gratitud. El autor también formula la idea de la idealización como antecesora de la envidia, así como un apelo a la misma. Otros conceptos son revisados por el autor, como intuición, realidad psíquica, lo desconocido lo psíquico, experiencias emocionales inconscientes, elaboraciones conscientes e inconscientes y satisfacción. Según el autor, las descripciones de las experiencias en el encuadre analítico y demás ilustran la importancia del analista de observarse a sí mismo en las vivencias resultantes de su interacción con el analizando. Palabras clave: intuición, idealización, envidia, avidez, gratitud

Geckos' tails: from some of the things I have learned from my psychoanalytic practice and from another passage in its prehistory

Abstract: The author discusses the observations in his psychoanalytic clinical practice and conjectures regarding concepts such as envy, voracity, and gratitude. The author also formulates the idea of the idealization as the predecessor of envy, as well as a call to it. Other concepts are revisited by the author, such as intuition, psychic reality, psychic unknown, unconscious emotional experiences, conscious and unconscious elaborations, and satisfaction. According to the author, descriptions of personal experiences in the analytic setting and its beyond illustrate the importance of the analyst observing himself in the experiences arising from his interaction with the analysand.

Keywords: intuition, idealization, envy, greed, gratitude

Queues de gecko : de certaines choses que je vois ressortir de ma pratique psychanalytique et d'autre passage de sa préhistoire

Résumé : L'auteur évoque les observations de sa propre pratique clinique psychanalytique et ses conjectures au sujet de certains concepts tels que l'envie, la voracité et

la gratitude, introduisant l'idéalisation comme prédécesseur de l'envie. Il suggère également l'hypothèse de l'émergence du psychique à partir d'une préconception, d'un appel à celui-ci. D'autres concepts sont revisités, tels que l'intuition, la réalité psychique, l'inconnu psychique, les expériences émotionnelles inconscientes, l'élaboration consciente et inconsciente, la satisfaction. Il décrit, enfin, des expériences personnelles – au sein du cadre psychanalytique et hors de celui-ci – lesquelles illustrent l'importance de l'analyste s'observer dans les expériences qui découlent de sa propre interaction avec l'autre.

Mots-clés : intuition, idéalisation, envie, avidité, gratitude

Referências

- Bion, W. R. (2007). *Atenção e interpretação* (P. C. Sandler, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Cassorla, R. S. (2013). Diálogo com um jovem colega: afinal, o que é esse tal enactment? *Jornal de Psicanálise*, 46(85), 183-198.
- Eco, U. (2018). *O fascismo eterno* (E. Aguiar, Trad.). Record.
- Freud, S. (1990). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 14, pp. 85-119). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Klein, M. (1991). Inveja e gratidão. In M. Klein, *As obras completas de Melanie Klein* (B. H. Mandelbaum et al., Trads., Vol. 3, pp. 205-267). Imago.
- Machado Neto, A. F. (2007-2008). De algumas coisas que tenho depreendido de minha prática psicanalítica e de uma passagem de sua pré-história. *Alter*, 25-26(1-2), 75-84.
- Rotenberg, C. (2013). *Bion e o sentimento de encantamento (wonderment) como depuração do impulso religioso primordial* [Apresentação de trabalho]. Reunião científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Scappaticci, A. L. M. S. & Ribeiro, M. F. R. (2021). Notas sobre o objeto psicanalítico na obra de Wilfred Bion. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 55(2), 103-114.

Recebido em 20/5/2022, aceito em 21/11/2022

Avelino Ferreira Machado Neto
avelinofmneto@gmail.com